



# PROMETEUS - FILOSOFIA



MAESTRADO EM FILOSOFIA/ UFRJ - CATEDRA UNESCO/ ARCHAÍ

Julho - Dezembro de 2014 - volume 7 - Ano 7 - N. 16

ISSN: 2176-5960

## A ATITUDE DE PIRRO

**Luiz Bicca**  
Doutor em Filosofia  
UERJ

**RESUMO:** Artigo em que pretendemos refletir sobre a atitude de Pirro, qualificada pelos conceitos de afasia, adiaforia e ataraxia, conforme narram-nos Diógenes Laércio (*D.L.* IX, 61 ss.) e Aristócles (*apud.* Eusébio de Cesaréia, *Preparação para o Evangelho*, 14.18.1-5).

**PALAVRAS-CHAVE:** Pirro. Atitude. Afasia. Adiaforia. Ataraxia.

**ABSTRACT:** Paper in which we try to think about the Pyrrho's attitude, qualified by the aphasia, adiaphoria and ataraxia concepts, as narrated by Diogenes Laertius (*D.L.* IX, 61 ff.) and Aristocles (*apud.* Eusebius of Caesaria, *Preparation for the Gospel*, 14.18.1-5).

**KEYWORDS:** Pyrrho. Attitude. Aphasia. Adiaphoria. Ataraxia.

No anedotário a respeito de Pirro foi bastante enfatizado que ele permanecia sempre no mesmo estado interior. Desse modo, se as circunstâncias exteriores mudavam, ele não alterava em nada suas disposições e suas resoluções. Coerente consigo mesmo, sabia alcançar a *eudaimonia*, mantendo sua independência em relação às coisas e aos eventos. Sobre Pirro diz Diógenes Laércio (*Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, IX, 63):

Ele retirava-se do mundo e vivia em solidão, raramente mostrando-se a seus pares; isso ele fazia porque ouviu um indiano repreender Anaxarco, dizendo que ele nunca estaria apto a ensinar aos outros o que é bom enquanto ele mesmo frequentasse a companhia de príncipes e poderosos. Ele [Pirro] conservaria a mesma conduta o tempo todo.

E, certamente, a ele já se aplica o comentário de Benson Mates, no Prefácio de sua tradução das *Hipotiposes Pirrônicas*, acerca da *sképtike agogé* (expressão sobre a qual Mates enfatiza os significados: (1) de atitude ou postura diante da vida em geral (onde ‘vida’ é social, cultural, e não somente biológica, natural); (2) de método, com destaque para o sentido de *meth’hódos*: caminho ou via) – e, em contraste com as religiões, que fazem da crença uma necessidade, algo que supostamente contribuiria para o bem-estar, o caminho pirrônico não exige crença em coisa alguma.

Com efeito, a própria ausência de crença era apresentada como o que seria, em larga escala, responsável pela libertação das preocupações, medos, confusões e outras perturbações no espírito, de que os homens buscavam alívio. Pirro e seus seguidores, ao que parece, não possuíam aquela inclinação, tão básica quanto comum, para se crer numa “realidade exterior” ou em coisas além das aparências. E mais ainda, discordavam da suposição elementar de que a felicidade pudesse depender, de algum modo, de crenças como essas. É de bom alvitre chamar atenção, aqui no início, para um aspecto: o termo ‘pirrônico’ (ou ‘pirronismo’) não deve ser tomado ou entendido como fazendo referência às “ideias” de Pirro ou a alguma doutrina que se pudesse ou devesse atribuir a ele – logo ele, de quem se dizia não ter doutrina! – mas sim, como Diógenes Laércio bem o acentua, por referência a alguém que supostamente vivesse da mesma maneira que Pirro (*Vidas*, IX, 70). Abstendo-se de afirmar que uma decisão é por natureza boa ou má, que tal ou qual ação deve ser feita ou não, o discípulo de Pirro não entra na controvérsia tradicional sobre o melhor gênero de vida.

Trata-se aqui, então, de apresentar os principais recursos e expedientes de que lançavam mão Pirro e seus seguidores na antiguidade, de modo a poderem atingir aquele estado de ânimo ou de espírito que configura a felicidade, a bem-aventurança, almejada por todas as correntes de pensamento da filosofia antiga, e que aparecia em vínculo profundo e inseparável com aquele ideal ou fim supremo da postura pirrônica: a tranquilidade da alma, a imperturbabilidade (*ataraxia*). (Desde já cabe acentuar uma diferença importante em relação aos cétricos Acadêmicos: estes se distinguem dos seguidores de Pirro pelo aspecto de que nunca apresentam a investigação e a suspensão do juízo, a que se é levado pela atividade de investigar e examinar, como meios para a felicidade ou tranquilidade. Buscar a verdade não é visto como algo subordinado a nenhum outro fim.) Pirro foi adotado como figura encabeçadora de uma corrente de pensamento por cétricos que viveram vários séculos depois dele. Após uma lacuna de mais de dois séculos, depois da geração imediata de seguidores, somente no Iº século A.C parece que sua postura intelectual volta à tona, com o movimento fundado por Enesidemo de Cnossos – tradição essa, denominada pirrônica, à qual Sexto Empírico, mais tarde ainda, viria a pertencer.

Richard Bett resume, logo no início de seu excelente estudo sobre Pirro (*Pyrrho, his Antecedents, and his Legacy*, Oxford, 2000) o que se tornou a interpretação predominante acerca de Pirro, que é a de Sexto Empírico, a qual teria sido retroprojetada, vindo a valer para Enesidemo e ainda para o longínquo Pirro (todos esses pensadores e seus seguidores são encaixados no esquema geral: pensadores que promovem oposições de opiniões ou de argumentos, vindo a produzir-se, de alguma forma, um equilíbrio entre os opostos (chamada *isostenia*), razão por que se promove uma suspensão do juízo ou de crença, à qual segue-se o que é buscado sobretudo pelos cétricos antigos: a tranquilidade mental). A esse respeito, Bett mostra, de saída, sua insatisfação: a perspectiva geral de Pirro seria bem diferente daquela, de tal modo que o termo “cético” sequer mereceria ou deveria ser aplicado a Pirro; pois Pirro declarava (conforme veremos pela tradução do fragmento de Aristócles citado pelo bispo Eusébio de Cesaréia) a realidade como sendo inteiramente indeterminada e, nessa medida, recomendava que se adotasse um tipo de fala ou de discurso, ao pensarmos em descrever as coisas, que fosse consistente com aquela elementar indeterminação. Dessa maneira, se formos adotar os termos de Sexto como referência básica, o melhor seria até designá-lo como um dogmático do que como um cético, como veremos mais à frente.

Pirro, considerado o fundador do ceticismo, nasceu por volta do ano 365 A.C e morreu aproximadamente em 275 A.C. Como Sócrates, Pirro nada teria escrito. Mas, a se crer nas narrativas de seu discípulo Timon, de Sexto Empírico e de Diógenes Laércio, teria ele sido uma personalidade singular, de carisma extraordinário, além de ter sido, como observa Jacques Brunschwig, o pensador mais importante, na cultura grega, entre Aristóteles e os fundadores das escolas Helenísticas.<sup>1</sup> Sobre Pirro, além de Diógenes Laércio e Sexto Empírico, a principal fonte seria seu discípulo Timon, considerado por muitos o “porta-voz” de Pirro, o primeiro grande divulgador de suas idéias, autor de poemas, tragédias e sátiras. Curiosamente, o mais importante texto a descrever seu mestre Pirro, entre os que chegaram até nós, não é de sua autoria, conquanto seja tradicionalmente encarado como um depoimento que tem o caráter de um testemunho confiável acerca de Pirro: trata-se do já mencionado trecho recolhido por Eusébio de Cesaréia, em sua *Preparação para o Evangelho*, um fragmento do livro *Peri Philosophias* de Aristócles (aliás, um tratado de filiação ao aristotelismo e crítica ao pirronismo e a outras correntes filosóficas), e que tinha por título *Contra aqueles que seguiam Pirro, chamados céticos ou eféticos, que afirmavam que nada é compreensível*.

Ao que parece, Pirro não teria sido, ele próprio, alguém muito preocupado com problemas gnosiológicos. É mais provável que seus sucessores, estes sim, tenham sido os responsáveis por provocar abalos na epistemologia dos antigos. Bem mais tarde, Sexto Empírico torna-se o divulgador de uma maneira de pensar e, sobretudo, de viver, da qual ele não se pretende absolutamente o inventor. O curioso é que Pirro tenha sido visto, na história, por uns, como uma espécie de moralista, avesso a doutrinas e discussões teóricas, e por outros como um cético radical! Aqui insistimos apenas com o aspecto de que a filosofia de Pirro seria, talvez, uma filosofia mais vivida que conceitualizada. Pirro não se prendia nem mesmo ao que poderíamos chamar de seu “princípio indiferença” – que não é uma simples indiferença psicológica em relação às coisas, mas uma essencial não-diferença das coisas: quando Pirro dizia que as coisas são indiferentes, isso não tinha o sentido de que elas possuiriam, elas mesmas, a

---

<sup>1</sup>A propósito das fontes: utilizo aqui, como textos de referência, além da tradução clássica de R.G. Bury (*Outlines of Pyrrhonism*, London, 1933) e da tradução mais recente de Benson Mates (*The Skeptic Way*. Oxford: Oxford University Press, 1996’), a tradução francesa recente de P. Pellegrin (*Esquisses Pyrrhoniennes*. Paris, 1977’) e a seleção de textos realizada por J.P. Dumont intitulada *Les Sceptiques grecs*. Paris: PUF, 1966’. As *Hipotiposes Pirrônicas* serão doravante designadas aqui por *HP*; por seu turno, o conjunto de onze livros agrupados sob o título tradicional de *Adversus Mathematicos* será aqui abreviadamente referido por *AM*.

propriedade da indiferença, e sim o sentido de que nós não temos nenhum meio de introduzir entre elas diferenças que sejam objetivamente fundadas.

No que diz respeito ao ceticismo, todo mundo acha que sabe o que é, nestes nossos tempos, qualquer um pensa dele ter uma noção ou fazer-se uma idéia, mesmo que vaga, -- a definição mais comum do cético sendo aquela que diz tratar-se de alguém que duvida de tudo. Carlos Lévy ressalta que é um mérito da pesquisa das últimas décadas, ao ter lançado algumas luzes sobre as diferenças entre este primeiro ceticismo (Pirro, Timon) e o neopirronismo desenvolvido no século I A.C a partir de Enesidemo:

O Pirro revelado por estas pesquisas está, em certa medida, mais próximo de ser o defensor de uma ética da indiferença absoluta evocado por Cícero, do que do personagem que Sexto Empírico transforma na figura emblemática do ceticismo.<sup>2</sup>

Pirro é apresentado, assim, como um pensador para o qual o fim moral foi uma experiência antes de tornar-se uma doutrina. Decerto, entre o ceticismo ascético, para alguns, até mesmo místico, de Pirro e o ceticismo dialético, mais argumentativo e sistemático, dos neopirrônicos do século I A.C (a linhagem inaugurada por Enesidemo, o possível criador dos diversos argumentos críticos componentes da tradição que também leva o nome de pirrônica) há consideráveis e significativas diferenças, como insiste Jacques Brunschwig:

Quando se fala em ceticismo, as pessoas entendem geralmente uma filosofia que busca mostrar, por toda espécie de argumentos teóricos, que não existe nenhum fundamento sólido para o conhecimento ou mesmo para a crença: nem a sensação, nem o pensamento racional, nem nenhum outro meio imaginável. Pirro parecia apostar que podemos viver sem nenhuma crença, e até mesmo que este é o único meio de ser perfeitamente feliz. Os neopirrônicos irão divergir de seu mestre e pretenderão, com Enesidemo, que se Pirro filosofava de maneira cética, em sua vida cotidiana ele não deixava de agir com alguma providência.<sup>3</sup>

Podemos pensar que há algo de extremamente ambicioso, mesmo de sobrehumano, nas exigências próprias à atitude para a qual Pirro fornecia o modelo ou a imagem. Nessa medida é interessante mencionar, aqui no início já, aquela distinção que fazem muitos estudiosos recentes do ceticismo acerca de duas versões possíveis de ceticismo: um ceticismo “selvagem” ou “rústico”, que se proíbe toda espécie de crença, mesmo aquelas que governam habitualmente a vida cotidiana (este ceticismo só é compatível com a ação se admite-se que a vida prática pode guiar-se pelas aparências,

<sup>2</sup> LÉVY, C. *Les Scepticismes*. Paris: PUF, 2008.

<sup>3</sup> BRUNSCHWIG, J. *Philosophie grecque*. Paris: PUF, 1998, pp. 464 s.

às quais o agente não atribui nenhum valor teórico (ou valor de verdade), e sim o caráter de mera convenção; e um ceticismo que, por contraste, chamam de “urbano” ou “civilizado”, que critica apenas as pretensões dos filósofos e dos homens de ciência de conhecer a natureza real e oculta das coisas, ceticismo este que não tem nenhum problema em dar assentimento, de forma fraca, bem entendido, ao que aparece ou se manifesta. Victor Brochard, em sua obra clássica sobre o ceticismo grego<sup>4</sup>, afirma que este primeiro ceticismo não pode ainda ser considerado dialético, dado que Pirro, o fundador, detestava discussões sem fim e visava apenas alcançar equilíbrio e tranquilidade na alma. Nele, o ceticismo seria sobretudo prático. Somente mais tarde, a partir de Enesidemo, é que o ceticismo se tornará eminentemente dialético. Opinião semelhante sobre o ceticismo antigo é manifestada também por Hegel. É importante, porém, ressaltar que, ao enfatizar a natureza reflexiva de suas rejeições de posições, Sexto Empírico não deixa de advertir o eventual leitor para não adotar a indeterminação como algum ponto de vista supostamente superior. A dialética não deveria agarrar-se a nada mais que às asserções que ela busca refutar: ela não descreve nenhuma realidade última, não é um conjunto de premissas, mas um método ou uma técnica a ser aplicada a premissas. É um discurso filosófico destinado a eliminar discursos filosóficos. A suspensão cético-pirrônica não pretende fornecer nenhum novo lugar desde onde alguém deva posicionar-se. Ao discorrer sobre os primórdios do ceticismo, remontando à era do expansionismo de Alexandre, Brochard mostra-se adepto da tese do declínio social, político e cultural da *pólis* (algo comum entre historiadores e comentaristas no século XIX) na raiz da atitude cética. Sobre Pirro, personagem quase lendária, dispomos apenas de referências por parte de autores que lhe são muito posteriores, como Sexto Empírico e Diógenes Laércio. Este último faz o elogio do caminho escolhido por Pirro no filosofar, no Livro IX das *Vidas e doutrinas de filósofos ilustres*:

Posto que nada é belo, nada é horrível, nada é justo, nada injusto; desse modo é que, para tudo, vale em geral a proposição de que nada é em verdade, antes tudo que os homens fazem acontece em virtude de mera concordância convencionada e na medida do hábito; pois de todas as coisas vale dizer que é tanto isto quanto aquilo. A isto corresponde a atitude [de Pirro], de um modo geral, na vida [...] ele manifestava a mesma indiferença em relação a tudo [...] e não se deixava influenciar pelo poder da percepção sensível.

---

<sup>4</sup> BROCHARD, V. *Les Sceptiques grecs*. A primeira edição é de 1887. A que foi utilizada aqui é da editora Vrin, Paris, 1969.

De Pirro de Élide, sabe-se que acompanhou Alexandre, o conquistador, ao Oriente e muito já se especulou e discutiu sobre as influências da sabedoria e das doutrinas hinduístas em seu pensamento. Este grego defrontara-se com a impassibilidade e a indiferença na vida cotidiana, mantidas por aqueles ascetas ou “homens santos” indianos, facilmente encontráveis, que foram chamados “ginosofistas” ou “sábios nus” pelos gregos. Daí dizer-se que Pirro parece ter levado consigo principalmente a lembrança daquela impassibilidade e daquele estranho desprendimento. Seria este, então, o estado de ânimo que ele se esforçaria para reproduzir, mais tarde, uma vez de volta à Grécia. Ao retornar a Atenas, torna-se alguém que se isola de um mundo do qual nada mais espera, levando um estilo de vida simples, quase monástico. Pirro renuncia a todas as discussões, que ele considera igualmente vãs.

A propósito dessa viagem ao Oriente, acompanhando o expansionismo alexandrino, intérpretes recentes, como Frederic Cossuta<sup>5</sup>, chamam a atenção para a experiência de desenraizamento que nela teria tido lugar, e que, longe de conduzir Pirro para algum “além” improvável, tê-lo-ia levado, ao contrário, ainda mais seguramente na direção da filosofia e da cidade, agora, sob o efeito de uma lucidez que vê, doravante, todas as coisas sob uma luz indiferente. Conquanto os ascetas indianos encontrados por Pirro se assemelhassem, em sua indiferença e despojamento (e noutros aspectos congêneres), a seus conterrâneos “cínicos”, todos os testemunhos e narrativas de viagem (da campanha de Alexandre) insistem sobre o peso e a importância desse contato com os “ginosofistas” na descoberta de uma nova atitude em filosofia por Pirro. Cossuta lembra que é bem verdade que o esforço filosófico de Pirro, quando de sua formação cínico-megárica, já servira para distanciá-lo de toda referência a algum princípio de permanência, por assim dizer. O encontro com os ascetas indianos teria servido para intensificar e radicalizar tendências ou intuições já, de algum modo, presentes em seu espírito: a conexão entre crítica dos sentidos e dos pré-julgamentos e condutas de impassibilidade; entre dúvida e indiferença, etc.

Do mesmo modo, Marcel Conche também enfatizou as possíveis influências sofridas por Pirro em sua convivência com os “ginosofistas”:

é provável que em contato com os sábios da Índia, Pirro tenha tido uma revelação própria, aquela da irrealidade de tudo que parece “real”, e da universalidade da aparência. E assim lhe veio ao espírito

---

<sup>5</sup> COSSUTA, F., *Le Scepticisme*. Paris: PUF, 1994, pp. 10 ss.

que o caminho a seguir não iria da aparência ao ser, como acreditava Platão, mas ao contrário, do ser – que não é senão o objeto de uma reificação ilusória – à aparência pura e universal.<sup>6</sup>

Conche, que em sua interpretação destaca também aspectos de proximidade entre o pirronismo original (o de Pirro e Timon) e os Cínicos, faz questão de apresentar este primeiro ceticismo como adversário da filosofia de Aristóteles. Conche assinala o desprezo de Aristóteles pelos povos do Oriente (citando trechos da *Política*, por exemplo, VII,7,1327b, 26-33 ), referindo-se a ele como teórico de um “pan-helenismo”, que encontraria em Alexandre o meio de sua realização. Para isso, ao comentar a narrativa de Aristócles referida pelo bispo Eusébio em sua *Preparação para o Evangelho*<sup>7</sup>

(É verdade que ele [Pirro] não deixou nenhum escrito, mas Timon, seu discípulo, diz que aquele que quer ser feliz tem de considerar três pontos: primeiro, qual é a natureza das coisas; em seguida, em que disposição devemos nos encontrar a respeito delas; finalmente, o que daí resultará para aqueles que estiverem nessa disposição. As coisas, diz ele [Timon], ele [Pirro] as mostra igualmente in-diferentes , i-mensuráveis , in-determinadas. É por isso que nem nossas sensações nem nossos juízos podem dizer o verdadeiro [ou: a verdade], nem se enganar. Por conseguinte, não é preciso atribuir-lhes a menor confiança, e sim ser sem julgamento, sem inclinação para nenhum lado, inabalável, dizendo de cada coisa que ela não é mais do que ela é, ou que ela é e não é, ou que ela nem é nem não é. Para aqueles que se encontrarem nestas disposições, o que daí resultará, diz Timon, é primeiro a afasia, depois a ataraxia).

Conche dedica especial atenção ao aspecto de como o mencionado texto comporta uma negação ou recusa do princípio de não-contradição.

O texto de Eusébio/Aristócles é então interpretado e comentado por Conche em relação à *Metafísica* de Aristóteles. Os princípios fundamentais da metafísica e da lógica são axiomas, não podem ser demonstrados, posto que toda demonstração os pressupõe; eles só podem ser defendidos, por uma argumentação dialética, que mostra

<sup>6</sup> CONCHE, M. *Pyrrhon ou l'apparence*. Paris: PUF, 1994, p.38.

<sup>7</sup> Uma tradução diferente do mesmo trecho encontra-se em J. Annas / J. Barnes, *The Modes of Scepticism*: “Timon, discípulo de Pirro, diz que qualquer um que pretenda viver uma vida feliz deve levar em conta as três seguintes questões: (i) o que são os objetos por natureza; (ii) qual deve ser a nossa atitude para com eles; (iii) o que resultará desta atitude. Em seguida, Timon declara que Pirro demonstrou que os objetos são igualmente indiferentes, irrepresentáveis e indeterminados , pois nem nossos sentidos, nem nossos pensamentos são falsos ou verdadeiros. Por esta razão não devemos neles confiar, mas permanecer sem julgar, sem inclinações e imóveis, dizendo de cada coisa que ela não é mais do que é, ou que nem é nem não é. Timon diz ainda que para os que tomam esta atitude o resultado é, em primeiro lugar, a não-asserção e, em seguida, a tranquilidade.” (*The Modes of Scepticism* , p. 101.).

como se enredam em dificuldades todos aqueles que os negam. Este é o caso do princípio de não-contradição, princípio sem o qual nenhum conhecimento seria possível e cuja negação significaria o impedimento puro e simples do saber. Ora, se o princípio de não-contradição é negado, as diferenças se tornam puramente aparentes. O ser dos entes se evapora. Conche pergunta, neste ponto, se não seria esta precisamente a intuição de Pirro, a desapareição de todas as coisas na universal aparência? E chama a atenção para o detalhe que a aparência enquanto “nada” não é aquele puro nada (como na *Lógica* de Hegel), um *Nada* meramente negativo, o simples contrário do puro Ser. Trata-se, em Pirro,— vale dizer: de modo muito semelhante ao budismo! — de dissociar o “há” ou “existe” do ser: o que “há” é a aparência. Nessa transmutação de todas as coisas em aparências (espécie de a-nihilação universal que deixa tudo subsistir), que é como Conche interpreta a atitude básica de Pirro, nela enxergando o princípio de toda uma sabedoria, esse “nada” mereceria ser comparado ao nada da angústia, tal como é pensado por Heidegger em *Que é Metafísica?* (1929). A intenção de Conche é mostrar que o princípio de não-contradição, enquanto princípio lógico e também ontológico, é atacado pelo “*où mallon*” pirrônico de maneira decisiva – o que significa inserir-se naquela linhagem de “negadores da possibilidade do conhecimento” a que Aristóteles se refere nos livros *K* e *L* da *Metafísica* (Heráclito, Demócrito, Protágoras, para quem tudo seria verdadeiro ou nada seria verdadeiro, o que resulta rigorosamente no mesmo: impossibilitar o conhecimento). Ora, se não há mesmo conhecimento, não há sentido em se continuar buscando a verdade, continuar examinando o que quer que seja (aquela atitude “*zetética*”) – é assim que também Conche insiste em diferenciar o primeiro pirronismo (Pirro, Timon) da *sképsis* posterior (de Enesidemo a Sexto Empírico), que se vê justamente como *zetética* (entre outras coisas), muito mais tarde. Segundo nosso intérprete, o pirronismo original teria visto na própria ideia de Ser uma fonte radical de infelicidade para o homem – fonte do desejo de fixidez, permanência das coisas, fonte do pensamento do “não-passar”, “não fluir”.

A fala do pirrônico, porque ela se relativiza a si mesma, somente anula opiniões e doutrinas em suas pretensões unilaterais de ocupar exclusivamente o lugar da certeza. De Pirro diz-se que sua atitude era marcada por *adiaforia* e *afasia*; seria isso suficiente para apor-lhe a etiqueta de “cético radical”? (Podemos pensar que, tal como é costumeiramente entendido nos dias de hoje, um ceticismo radical é aquele ceticismo que duvida da própria possibilidade de conhecimento do mundo, esforçando-se em

exibir argumentos que se destinam a demonstrar que não possuímos o conhecimento que pensamos ter. A oposição “ceticismo global *versus* localizado”, como alguns preferem, e que tem a ver com amplitude, dimensão, combina-se com a oposição “radical *versus* moderado”: algumas vezes, o radicalismo significa o tamanho da desconfiança, o quanto se duvida; noutras ocasiões, o radicalismo é pensado segundo a intensidade da desconfiança em um dado ponto ou com a insistência em continuar, aprofundar, mais e mais, a dúvida ou a objeção em um mesmo ponto ou questão. Há ainda outra *nuance* para pensar-se a distinção radical/ mitigado: ela envolve ou pressupõe uma diferenciação entre o ser evidente ou aparente (do que se pretende conhecer) e o não ser evidente ou ser obscuro, oculto. Assim, o cético moderado admite que se possa ter algum saber sobre as coisas aparentes e nega somente o conhecimento do “em si”; ao passo que o radical recusa toda possibilidade de conhecimento, pura e simplesmente.) Seria o ceticismo antigo alguma causa de desespero diante de situações marcadas por incerteza? Ou será que, inversamente, ele ensina-nos a conviver com aquela e propõe-nos, de forma surpreendente, assumir as incertezas como condição para uma vida mais feliz?

A *ataraxia* cética não dispensa ninguém de ter que viver no meio dos homens de acordo com as aparências ou as coisas tal como elas aparecem, portanto, a *ataraxia* do sábio pirrônico não o dispensaria de ter sempre de novo que recomeçar o trabalho do pensamento. O equilíbrio não estaria adquirido de uma vez por todas, visto que somos constantemente solicitados pelos apelos contraditórios das sensações e das crenças. É preciso, então, constantemente lutar contra o desejo de certeza, reativar a dúvida para alcançar-se outra vez a *ataraxia*. O cético antigo, sobretudo o posterior, tem um compromisso básico com a prática da investigação e do exame, não com alguma teoria, é preciso notar bem. É preciso, nesse sentido, encarar uma questão básica: o pensamento de que é o comprometimento com crenças que gera ansiedade e perturbação.

Há assim no pirronismo uma relação muito curiosa e original entre a postura suspensiva e a principal de todas as suas decorrências ou conseqüências: a *ataraxia*. Longe de conduzir o indivíduo à instabilidade e à inquietude (ao contrário do que comumente se pensa!) a indeterminação é libertadora, livrando-nos precisamente da ansiedade e da perturbação emocional e intelectual. A *ataraxia* ceticamente concebida apresenta-se como um esvaziamento, uma serenidade vazia de todo conteúdo representativo. Além disso, no pirronismo, há uma relação original também entre o

acesso a esta libertação e as necessidades da vida cotidiana: Pirro, a rigor, não propõe nem uma retirada do mundo, nem alguma forma de salvação humana mediante transformação política de acordo com algum tipo de idealização racionalizante. Antes, é proposto um modo de presença no mundo, que precisamente reintroduz e salva as aparências, o que se manifesta: seguir os fenômenos equivale a seguir os costumes e regras existentes, aceitar que a conduta seja regulada pelas necessidades da própria vida.

Uma das originalidades dos pirrônicos na história do ceticismo é o uso ético que fazem do ceticismo: a filosofia, longe de ser o único caminho para se ter acesso à felicidade, a rigor pode impedir-nos de atingí-la, em função das controvérsias e problemas nos quais ela nos atira. Sexto Empírico, mais tarde, evitará fazer da *ataraxia* uma convicção ou crença férrea do cético, afirmando que este fim, a serenidade da mente, atinge-se por acaso, sem preocupação obsessiva com ela. Na verdade, há diferenças entre os antigos cétricos quanto à *ataraxia*, variando esta de ser caracterizada por *apathia* (ausência de paixão e afetos) em Pirro, à posição menos exigente de Sexto Empírico, que a vincula a uma moderação das afecções (*metriopathia*), que seria sempre possível no caso das afecções involuntárias, incontornáveis, como são as dores físicas. Em seu livro *Contra os moralistas (A.M, XI)* Sexto diz que aquele que suspende seu juízo sobre tudo o que deriva da esfera da opinião (opinião pública ou da gente) colhe os frutos da mais perfeita felicidade. Tranquilidade ou paz de espírito, a *ataraxia* parece tratar-se de uma concepção de felicidade que vem de fora da tradição platônico-aristotélica de pensamento ético. Como sublinha Gisela Striker, esta é a única concepção de *eudaimonia* na ética grega a identificar a felicidade com um estado de espírito ou da alma, fazendo-o depender inteiramente da atitude e das crenças de uma pessoa<sup>8</sup>. A *ataraxia*, ainda que visada ou obtida de formas diferentes por epicuristas, estóicos e cétricos, era uma meta, portanto um elemento importante a integrar qualquer das três orientações filosóficas. Os pirrônicos equacionaram tranquilidade e felicidade. Em sendo o melhor caminho para a *ataraxia*, o ceticismo seria o melhor também para a *eudaimonia*. Sexto Empírico argumenta que alguém que acredita que haja quaisquer bens ou males reais neste mundo jamais estará livre de ansiedade. Isto é assim, segundo Sexto, porque tal crença leva essa pessoa a perseguir intensamente aquilo que pensa ser bom e a evitar o que ela pensa ser mau; e caso este alguém, por acaso, venha a obter

---

<sup>8</sup> STRIKER, G., *Essays on hellenistic Epistemology and Ethics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

qualquer dos bens que deseja, suas inquietações se renovarão porque agora ele se agitará pelo medo de perdê-lo. O cético, ao contrário, percebe que não há bens nem males reais, donde parar de se preocupar. Para os cétricos, mudar o quadro de valores, adotar novos ou diferentes, não resolve o problema, porquanto a pessoa passará agora a inquietar-se, afligir-se com valores, em vez de intranquilizar-se com coisas, objetos, tomados como bons ou como bens. O cético pirrônico, se ele não chega a exigir uma apatia integral, de longínqua e monástica possibilidade, no sentido de que alguém pudesse ser totalmente inafetado ou imperturbado, ele pelo menos usufruirá da *metriopatheia*, um grau moderado de afecção, porque ele não tem quaisquer convicções acerca da bondade ou da maldade do que ele sente. O ponto decisivo, para os cétricos, continua sendo que a crença firme em que algo seja, em si, um bem ou um mal gera necessariamente algum tipo de perturbação: medo, insegurança, ansiedade, aflição.

Para um seguidor de Pirro, alcançar tranquilidade é uma questão de feliz coincidência, tem muito mais a ver com o acaso do que com uma disciplinada expectativa, um resultado que se pudesse com certeza aguardar. Ele é alguém que parece já estar feliz por estar buscando o conhecimento ou a verdade (o seu aspecto zetético), e não por julgar tê-la encontrado, no momento em que isto supostamente ocorresse. A tranquilidade cética parece somente poder ser alcançada se o indivíduo não decidir conquistá-la a qualquer preço. Parece que a felicidade assim concebida como um estado d'alma, tão somente, conduz à conclusão de que nem o caráter moral de alguém, nem a verdade ou falsidade das convicções desse alguém tem algo a ver com a felicidade deste alguém. Em sua *ataraxia*, o pirrônico experimentaria algo como um sentimento de desprendimento, de distanciamento, de estabilidade interior em meio à impermanência, animado por uma serenidade feita de tranquilidade e paz.

A atitude de Pirro seria assim, não tanto parecida com a dos cínicos em seu espalhafatoso protesto, e sim, até certo ponto, com a dos sábios ascetas indianos: importava-lhe buscar uma autonomia, uma libertação, que não implicasse nem negação, nem afirmação das coisas. A *ataraxia* pressupunha, sim, exercícios espirituais diversos, toda uma prática que servia, ao mesmo tempo, como uma espécie de pedagogia pelo exemplo (algo bem “oriental”!): em vez de longos discursos de orientação, a indicação do caminho, no máximo uma provocação discreta e sutil, talvez acompanhada de uma pitada de ironia, à maneira de Sócrates... Importa, neste ponto, vale repetir, é registrar aquele detalhe inédito do pensamento pirrônico — um aspecto novo em solo grego —

que fazia, agora, a felicidade ou a bem-aventurança ficar ligada à incerteza, e não à certeza, à segurança.

O sábio pirrônico demonstra que aceita as aparências, no lugar e no tempo em que lhe é dado viver. Sua constituição dita-lhe suas necessidades, as leis e os costumes do lugar onde vive oferecem-lhe uma regra de vida. Não devemos, contudo, confundir este seu acordo com as coisas que aparecem, decorrente da lucidez do sábio cético, com uma atitude submissa ou conformista. O estado interior de indiferença, dado que tudo é indiferente, supõe apenas que não é possível preferir outra coisa ao que se tem, ou então, algo outro ao que se é. Tudo se passa como na famosa anedota a respeito de Pirro: a um objetor que lhe perguntou por que ele não se matava, posto que ele afirmava que a vida e a morte eram indiferentes, Pirro respondeu que era precisamente porque eram indiferentes... Ao afirmar, conforme se encontra no trecho de Eusébio de Cesaréia acima citado, que as coisas são indiferenciadas, indecidíveis (ou instáveis), indeterminadas, Pirro não pretenderia dizer que para nós elas não apresentam nenhuma configuração estável, mas que em si elas não possuem nenhuma propriedade distintiva inerente à natureza delas, que lhes daria um valor ontológico incontestável. As coisas manifestam-se, então, em e por um constante movimento. Elas parecem escapar-nos justamente quando estamos certos de tê-las apreendido. Não convém, por conseguinte, atribuir-lhes uma essência estável, nem ordená-las ou hierarquizá-las em função de um critério ontológico fixo. Pirro e seus discípulos rejeitavam teorias. Eles apenas tinham a convicção, muito prática, de ter encontrado a melhor maneira de viver. Victor Brochard assinala o aspecto de unidade entre o pensamento e a ação nesses primeiros cétricos; Pirro praticava com serenidade a indiferença que ensinava:

O ceticismo não era para ele um fim; era um meio. Ele o atravessava sem nele se deter. Das duas palavras que resumem todo o ceticismo, *epoché* e *adiaforia*, é a última que é a mais importante a seus olhos. Seus sucessores inverteram a ordem e fizeram da dúvida o essencial e da indiferença, ou antes, da *ataraxia*, o acessório.<sup>9</sup>

A *epokhé*, a suspensão do juízo, no pirronismo inicial, conduz ainda a um silêncio no que concerne ao uso do verbo ser, leva o indivíduo a evitar fazer asserções (*afasia*). (Na pior parte das vezes, traduzimos o termo *epokhé* por “suspensão do juízo”, acompanhando o que já é uma tradução quase estabelecida ou mesmo costumeira. Isso não quer dizer que o termo grego não seja referido de outras formas,

<sup>9</sup> BROCHARD, V., op. cit., p 75.

como chama atenção um estudo recente: ‘MARCONDES, D. *Juízo, suspensão de juízo e filosofia cética*, in *Sképsis*, I, 1, 2007’).

A indiferença especulativa acompanha a indiferença prática. O sábio do pirronismo original é um homem em completo despojamento, capaz, nesse sentido, de alcançar a serenidade dos desejos e apetites, o equilíbrio perfeito de uma alma que coisa alguma consegue perturbar. Os discípulos de Pirro depois de terem extraído de seu pensamento e de sua postura fundamental o melhor que daí podiam extrair, vem a ser, uma regra de conduta para a vida, entregaram-se a outras tarefas. Timon, o mais conhecido dentre eles, possuía uma certa semelhança, em alguns de seus procedimentos, com os cínicos Antístenes e Diógenes, por exemplo, no recurso à sátira, à paródia, ao achincalhe, na relação com os adversários. O ceticismo original visava a uma espécie de salvação através da sabedoria. Nele, todavia, a dialética parecia uma potencialidade adormecida, que somente mais tarde irá expor-se plenamente à luz do dia, tornando-se um traço marcante do ceticismo. Na origem, seu método era uma *askésis*, um exercício ou uma disciplina moral, cujo fim era a quietude, a paz na vida.

A suspensão tem a marcá-la um forte caráter de passividade: uma afecção, algo que sofremos ou que nos sobrevém, embora em alguns trechos de seus escritos a linguagem empregada por Sexto Empírico sugira-nos alguma coisa planejada, programada segundo decisão metódica. Como explica Roberto Bolzani, compreender a suspensão como algo que se nos impõe tem uma consequência da maior importância: ela nos fornece uma nova forma de ver o mundo<sup>10</sup>. Sobre essa faceta de passividade que afeta o juízo ou o entendimento do pirrônico, Bolzani ressalta que isso significa que os argumentos dos dogmáticos é que têm que se impor como persuasivos. A disposição mental suspensiva exige isto daquele que é por ela possuído:

Nada que não se evidencie como verdadeiro poderá ser aceito como tal, isso significando a necessidade de uma prova definitiva de sua verdade e a concomitante derrocada sem volta das posições conflitantes. [...] Não há, pois, pressupostos a serem aceitos sem mais. (*Ibid.*)

Pois está em jogo aqui aquele aspecto de só valorizar-se o que aparece, não se preocupando com nenhuma realidade “por trás” disso, nem com substratos, substâncias. Não sendo nenhuma decisão metodológica, nem medida comprovadora de coerência

<sup>10</sup> Ver ‘BOLZANI, R. *A Epokhé cética e seus pressupostos*, in: *SKÉPSIS*, II, 3-4, 2008’, p. 15.

doutrinária, a suspensão assemelhar-se-ia a uma disposição mental, de caráter acentuadamente intelectual, mais do que afetivo.

O termo *epokhé* tem toda uma história, e isto apenas dentro do ceticismo antigo, como bem mostrou Pierre Couissin em seu, já clássico, artigo sobre a evolução desta noção<sup>11</sup>. Segundo este pesquisador, o termo designa, de um modo geral, uma atitude dubitativa, seja do pirrônico, seja do neocadêmico. Diógenes Laércio atribui a invenção deste termo ora a Pirro (*Vidas, XI*), ora a Arcesilau (*Vidas, IV*). Mas para estabelecer-se sua origem, o fato de que nenhum dos dois pensadores tenha escrito nada (ou, pelo menos, que deles nada tenha chegado até nós) torna-se um problema. Como observa nosso comentador,

Os filósofos da nova Academia se contentam em ignorar desdenhosamente o ceticismo de Pirro. Os pirrônicos, mais agressivos, reprovam aos Acadêmicos, ora com Timon, de serem plagiadores de Pirro, ora ao contrário, com Enesidemo, de serem no fundo uns dogmáticos: dogmáticos envergonhados e dissimulados ou dogmáticos negativos e inconscientes. (Couissin, p. 374).

(Não é óbvio que o cético tenha que evitar toda confiança ou que seu comportamento tenha que ser caracterizado por dúvida e indecisão. Arne Naess insiste que o cético não tem necessariamente que ser um duvidador e afirma que, ao longo da história, grandes cétricos foram também grandes campeões da confiança e do senso comum no agir, não importando quão brutal eles fossem ao criticar o pensamento comum em seu uso das noções de verdadeiro ou falso. Nessa medida, parece-me esclarecedora esta passagem:

É importante distinguir dúvida e suspensão de juízo. A suspensão do juízo é o traço básico do cético quando confrontado com asserções dogmáticas. A questão de quanto, quão frequentemente, e em que sentido a dúvida tenha que ou é provável que vá acompanhar ou preceder a suspensão é uma questão em aberto. Não há razão para postular um estado dubitativo como um ingrediente principal ou uma característica constantemente acompanhante da mente de alguém que suspende o juízo. E no entanto é precisamente essa identificação da dúvida com a suspensão que tão frequentemente deforma as referências aos cétricos gregos.<sup>12</sup>

Este mesmo intérprete afirma mais à frente que

<sup>11</sup> 'COUISSIN, P. *L'origine et l'évolution de l'époché*, in: *Revue des études grecques*, nº 42, 1929, pp. 373-397'. Sua interpretação fala em atitude de dúvida no ceticismo pirrônico, diferentemente das interpretações mais recentes, no final do século XX, que procuram manter algo como uma dúvida filosófica, metódica, como estranha à postura do ceticismo antigo.

<sup>12</sup> Naess, A. *Scepticism*, Londres: Routledge & Kegan Paul Books, 1968, pp. 27-28.

não há nenhuma base, na descrição que faz Sexto, para representar-se o cético maduro como uma pessoa que mostra indeterminação, irresolução, indecisão, vacilação, hesitação, suspense, perplexidade, atordoamento, embaraço, confusão, desorientação, descrença, incredulidade, desconfiança, acanhamento ou suspeita, como quer que esses termos caibam para descrever seu estado mental quando ele se põe a escutar dogmáticos. Não há nada a sugerir que o cético, enquanto uma pessoa real, devesse sentir-se obrigado a sair por aí duvidando ou buscando mais que os outros. Aliás, a ânsia de duvidar e buscar aplicar-se-ia mais ao dogmático, pois quanto mais se postula como verdadeiro e quanto mais enredado alguém se acha na intelectualização de atitudes, tanto mais há para se duvidar. Abstendo-se de dogmatizar, uma pessoa pode reduzir as ocasiões para duvidar. (Ibid., p. 53).

Em suma, segundo Naess, o cético antigo está longe de ser um militante sistemático da dúvida; ele o é, da suspensão; mas isso já é uma outra história...

Alguns intérpretes crêem que a filosofia neoacadêmica formou-se independentemente do pirronismo, outros estimam que Arcesilau era tributário de Pirro. O caso é que, para fins de estabelecimento de quem seria o criador da *epoché*, Arcesilau pode ter conhecido o pensamento de Pirro, dele ter adotado tendências ou dimensões filosóficas, tê-lo utilizado contra o *Pórtico*, e ter sido, entretanto, o primeiro a designar sob o nome de *epoché* a atitude mental que comandava sua crítica.<sup>13</sup> Pois, afinal, como recorda Couissin, “sob a influência de Pirro, um vento de ceticismo soprou sobre Atenas, atingindo diversos círculos filosóficos”. Não chega a ser surpreendente a afirmação de que Arcesilau teria conhecido Pirro e que os antigos tinham-no na conta de um pirrônico. O comentário geral de Couissin, não obstante tantas observações contraditórias e tiradas de inimigos de Arcesilau é algo lacônico: apenas que uma influência de Pirro sobre Arcesilau não é de todo inadmissível; mas ela não é demonstrada pelos textos. Sexto, separado de Pirro por cinco séculos, apresenta Pirro como o protótipo do cético (*H.P.* I, 7). E quando ele opõe os céticos mais antigos aos que lhe são contemporâneos, Sexto insere Enesidemo entre os antigos (*H.P.* I, 36 e I, 164). Nas poucas narrativas que chegaram até nós, fato é que a conduta cética em Pirro e Timon aparece como uma atitude a respeito das coisas, antes que a respeito das ideias, ao passo que a *epoché* do pirronismo da era imperial é uma atitude essencialmente a respeito de ideias.

<sup>13</sup> Como sugere Couissin, op cit., p. 375.

Neste ponto, caberia uma nota terminológica: referir-se a Pirro com o termo *akatalepsia* (ou por causa de seu emprego) não seria uma decisão muito feliz, pois essa palavra é típica do vocabulário da Academia reformada por Arcesilau. Segundo Fócio, o patriarca de Constantinopla (séc. IX d.C), Enesidemo, em seus *Discursos Pirrônicos*, teria reprovado nos Acadêmicos precisamente isto: o terem sido nada mais que “acatalépticos”. A se crer nele, os neoacadêmicos não negavam todo conhecimento, mas somente um tipo, o que se ligaria ou seria proporcionado pela “impressão (ou representação) cataléptica” (essa noção central da epistemologia do estoicismo). Quanto a Pirro, sua ideia essencial não é tanto de que as coisas escapem a nossa apreensão, e sim que elas se equivalem e são incapazes de nos fazer inclinar em um sentido ou noutro. Esta ideia da impossibilidade de escolha, exprimida pela fórmula “este não mais que aquele” (*oú mallon*), característica do pirronismo, distingue-se fortemente da crítica do conhecimento acadêmica, que permite, ao contrário, a escolha por meio do *eulógon* (o bem-falar como dizer o razoável ou plausível) e do *pithanón* (o persuasivo ou provável).

Por tudo isso se pode ver que, no que concerne aos testemunhos, nenhum deles prova que Pirro tenha professado a *epoché*. A impressão com que fica o comentador é conclusiva:

Pirro partiu da *isostenia* dos opostos nas coisas e adotou uma conduta de indiferença e impassibilidade a respeito das coisas: tudo é equivalente; não mais isto que aquilo; tudo me é igual. Já a *epoché*, ela não é uma conduta a respeito das coisas, é uma atitude mental: Pirro não tinha necessidade dela. Ela fica subentendida logicamente em sua maneira de se comportar, mas ela não era necessária a um misólogo que se interessava mais pela ação que pelo pensamento. Inútil ao ensinamento de Pirro, a *epoché* é inseparável do de Arcesilau: este sustentava que a compreensão (*katalépsis*, assentimento à “representação compreensiva”) não existia, que tudo seria inapreensível, e que o sábio devia, por conseguinte, suspender o assentimento, não acerca de determinadas representações não-compreensivas, mas em relação a todas as representações, posto que nenhuma é compreensiva.<sup>14</sup>

Couissin vê, nesse sentido, a importância geral de Enesidemo na história do ceticismo como sendo a de infundir na linhagem pirrônica o espírito dialético dos filósofos da nova Academia, Arcesilau e Carnéades, sem repetir, contudo, o ensinamento destes filósofos.

<sup>14</sup> Couissin, P., op cit., p. 389.

Contrariamente à interpretação de alguns filósofos dos séculos XVII-XVIII, em especial de Hume, há intérpretes no século XX que veem no pirronismo não um ceticismo radical, mas antes um ceticismo moderado, ao passo que o Acadêmico, com seu “dogmatismo negativo”, acabaria por revelar traços mais propriamente doutrinários que os pirrônicos. A grande maioria dos estudiosos entende que os pirrônicos se identificariam certamente com os Acadêmicos em torno da suposição de que a cada afirmação *p* se poderia sempre, com boas razões, contrapor uma asserção *não-p*. Ou seja, ambas as vertentes compartilham o pensamento básico da contenção do juízo. Autores contemporâneos, como Bertrand Russel, vêem no ceticismo um risco de acolher ainda que longinquamente um pressuposto doutrinário: a diferenciação elementar entre aparência e realidade. Ora, essa é uma distinção comum, que faz parte da vida cotidiana das pessoas, e como tal, o cético (ao menos o pirrônico) não se põe pura e simplesmente, e unilateralmente, a negá-la, ou então, de maneira não menos simplista, a unificar os dois elementos que compõem esse par como sendo uma só e mesma coisa. O que ele faz é algo diferente: ele apenas suspende seu juízo em relação a qualquer proposição com a pretensão de estar dizendo algo verdadeiro a respeito de como as coisas “realmente” são. O importante na argumentação de Sexto, em geral, é que a suspensão (seja de juízo, crença ou assentimento), quanto a verdade e falsidade, não resulta em inatividade. Os impulsos naturais levam à ação.

Um tal dogmatismo de fundo se deixaria entrever, como já salientamos, naquele posicionamento de Pirro mesmo, quando afirma que as coisas *são* igualmente “sem diferença” (*adiáfora*), “imensuráveis” e “indeterminadas”; o que não impede que outros vejam no pensamento de Pirro de que não há nada de justo por natureza (conforme Diógenes Laércio, *Vidas, IX, 61*), uma clara recusa de qualquer interpretação objetivista dos valores. Para muitos intérpretes recentes, tanto a posição de Pirro sobre justiça natural quanto o ataque dialético de Carnéades às definições naturalistas de justiça (Cícero, *República III, 21*) trazem consigo toda uma crítica às interpretações objetivistas dos valores. Não esquecendo que para o cético antigo era vital o pensamento de um agir sem crença dogmática, o que é compatível com a máxima da suspensão do juízo.

Sobre as aparências, também Timon dela nos fala, em uma linha de suas *Imagens (Indalmoi)*, ele que se tornou conhecido por escrever obras satíricas, nas quais desfechava ataques pessoais contra um grande número de autores dogmáticos, filósofos respeitados da tradição. Ele aí nos diz que “onde quer que ela surja [ou chegue], em

toda parte ela é poderosa”. Esta e outras frases de Timon parecem sugerir o que Enesidemo teria compreendido: que a aparência é para ser encarada como critério prático, um meio para decidir-se o que fazer ou como proceder. (Diógenes Laércio faz referências pouco abonadoras acerca de seu caráter, afirmando ainda que ele foi autor de poemas épicos, dramas, peças cômicas e poesias obscenas. Mas ele é também a principal fonte de relatos e descrições sobre seu mestre, Pirro, em sua obra intitulada *Imagens (Indalmoi)*, de que restam alguns fragmentos<sup>15</sup>. Aí tem lugar um autêntico culto a Pirro, na forma de poemas de louvor e apologia.) Já Richard Bett pergunta-se: e se em vez de aquela sentença significar uma recomendação (como é majoritariamente entendido), Timon lá estivesse lamentando a força das aparências, o seu poder de convercer-nos ou levar-nos a crer que elas são um bom portal para a “realidade”? Mas ele acaba tendendo a concordar, neste ponto, com a interpretação tradicional: “É sem dúvida verdadeiro que Pirro e Timon tenham pensado acerca da maioria das pessoas que elas se deixassem levar pelas aparências das coisas. As coisas aparecem-nos, em dadas ocasiões, de determinados modos, e a maioria das pessoas supõe que elas são na realidade como elas aparecem. Pirro resiste a essa suposição, dado que ele considera que a realidade é de fato indeterminada, e é *neste* sentido que ele desconfia dos sentidos. Entretanto, é bastante compatível com isso que uma pessoa molde seu próprio comportamento pelas maneiras determinadas nas quais as coisas aparecem em dadas ocasiões” (Bett, *Pyrrho*, p. 87).

Timon estaria mostrando que Pirro não costumava ir além da experiência comum. O que as evidências disponíveis mostrariam é que, tanto no primeiro pirronismo quanto no posterior, aceitar as aparências era não só permitido, mas ainda usado como base para escolha e ação: no fragmento de Aristócles/ Eusébio,

a asserção de que alguém não deva confiar em suas sensações ou opiniões não tem que ser interpretada como sugerindo que alguém deva ignorá-las por completo em seu comportamento cotidiano; e a alternativa óbvia é a de que ela está dizendo que uma pessoa não deveria confiar nelas como revelando como as coisas são em suas verdadeiras naturezas – que é o que, supostamente, a maioria das pessoas fazem. (Bett, p.91).

A natureza das coisas, sendo aliás indeterminada, não poderia mesmo fornecer nenhuma base para o comportamento dos indivíduos. O pensamento de que podemos e

<sup>15</sup> Ver: ‘LONG, A.; SEDLEY, D. *The hellenistic Philosophers*, Cambridge University Press, 1987’.

mesmo devemos apoiar-nos nas aparências para agir parece uma extensão bastante plausível das idéias presentes na passagem de Aristócles/ Eusébio.

Como destaca Brunschwig, durante muito tempo pretendeu-se que tais “*imagens*” teriam um sentido e um valor negativos: elas significariam as aparências enganadoras, que poderiam tanto provir do mundo natural quanto do universo das convenções, como também das especulações dos filósofos. Mais recentemente, chegou-se a propor uma interpretação, digamos, positiva do termo “*imagens*”: tratar-se-ia das representações que o sábio teria necessidade para viver e agir, que serviriam assim de guia para sua conduta. E ainda uma interpretação “mista”, onde as representações seriam tanto boas quanto más. Brunschwig propõe, por uma analogia com as *Memoráveis* de Xenofonte, que as “*imagens*” do título da obra de Timon têm a ver com representações de lembrança, de registro de memória, para fixar e conservar uma imagem de alguém — e nada mais justo do que pensar que este alguém fosse o adorado mestre Pirro. Não de Pirro enquanto homem comum, através de uma coleção de anedotas sobre sua vida, mas de Pirro enquanto modelo de conduta e inventor de uma postura “existencial”, ética e psicológica, definindo-se principalmente pelas disposições da *apatia*, da *afasia* e da *ataraxia*.

Mas os elogios a Pirro acabaram por mostrarem-se problemáticos aos olhos dos intérpretes, trazendo algumas dificuldades de compreensão, que surgem quando detalhes da apologia são confrontados com aspectos de crença ou interpretação estabelecida do que seja o pensamento do pirronismo. Perceber que os contrários são equivalentes é algo que supõe uma profunda conversão do olhar ou do pensamento — à altura do esforço de perceber as coisas na realidade de sua *isostenia* — e é este esforço e uma tal conversão que abrem caminho para que qualquer comum mortal possa alcançar aquela serenidade que Pirro parece ter atingido por uma espécie de graça. Donde a consideração de que ao homem que se fizer, ele mesmo, “isostênico”, por assim dizer, Pirro prometer, em primeiro lugar, a *afasia* e em seguida a serenidade, a *ataraxia*. Por razões diferentes, cada um destes termos coloca problemas<sup>16</sup>. A afasia pode ser compreendida de duas maneiras bem distintas: como ausência de asserção definidora (ou determinante) ou ainda como um autêntico silêncio. A segunda

<sup>16</sup> Ver a esse respeito o ensaio de Brunschwig, ‘*Le titre des Indalmoi de Timon*. In: BRUNSCHWIG, J., *Etudes sur les philosophies hellénistiques*. Paris, PUF, 1995’. Ver também, do mesmo autor, o excelente ensaio ‘*L’aphasie pyrrhonienne*. In: LÉVY, C.; PERNOT, L. (orgs.) *Direl’vidence*. Paris, L’Harmattan, 1997’.

alternativa é, no mínimo, surpreendente, visto que Pirro, ao que consta, parece ter sido muitas vezes bem prolixo. Mas as duas *démarches* não são necessariamente contraditórias, assinala Brunschwig: a palavra que diz a perfeita indiferença das coisas e a afasia, que deve ser definida como a exclusão de qualquer outra palavra que não aquela que diz esta indiferença.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS<sup>17</sup>

- ANNAS J.; BARNES J. *The Modes of Scepticism: Ancient Texts and Modern Interpretations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- BETT, R. *Pyrrho, his antecedentes and his legacy*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- BOLZANI, R. *A Epokhé cética e seus pressupostos*, in: *Sképsis*, II, 3-4, 2008.
- BROCHARD, V. *Les Sceptiques grecs*. Paris: Vrin, 1969.
- BRUNSCHWIG, J. *Philosophie grecque*. Paris: PUF, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Le titre des Indalmoi de Timon*. In: BRUNSCHWIG, J., *Etudes sur les philosophies hellénistiques*. Paris: PUF, 1995.
- \_\_\_\_\_. *L'aphasie pyrrhonienne*. In: LÉVY, C.; PERNOT, L. (orgs.) *Direl'évidence*. Paris: L' Harmattan, 1997.
- CONCHE, M. *Pyrrhon ou l'apparence*. Paris: PUF, 1994.
- COSSUTA, F., *Le Scepticisme*. Paris: PUF, 1994.
- COUISSIN , P. *L' origine et l' évolution de l' epoché*, in: *Revue des études grecques*, n° 42, 1929.
- DIÓGENES LAÉRCIO. *Lives of eminent philosophers*. HICKS, R. D. (trad.). Londres: William Heinemann, 1975.
- LÉVY, C. *Les Scepticismes*. Paris: PUF, 2008.
- LONG, A.; SEDLEY, D. *The hellenistic Philosophers*. Cambridge University Press, 1987.
- MARCONDES, D. *Juízo, suspensão de juízo e filosofia cética*, in *Sképsis*, I, 1, 2007.
- NAESS, A. *Scepticism*, Londres: Routledge & Kegan Paul Books, 1968.

---

<sup>17</sup> Para mais, ver as notas de rodapé, em que citamos as referências completas da bibliografia utilizada.

SEXTO EMPÍRICO. *Complete Works of*, 4 vols. BURY, R. G. (*trad.*). In: *Loeb Classical Library*. Harvard: Harvard University Press, 2006.

STRIKER, G., *Essays on hellenistic Epistemology and Ethics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.